

A literatura cavaleiresca portuguesa: estado da questão

AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO¹

Universidad de Alcalá de Henares/Centro de Estudios Cervantinos
Espanha

Ao longo do presente trabalho, vou apresentar um panorama sobre o estado atual dos estudos relacionados com os livros de cavalarias portugueses dos séculos XVI e XVII², deixando de parte a literatura cavaleiresca de corte medieval, ou seja, a *Demanda do Santo Graal*, o *Livro de Josep ab Arimathia*, mais os fragmentos do *Livro de Merlim* e do *Livro de Tristam*, que serão objeto de estudo neste mesmo congresso por uma voz muito mais autorizada, como é a do Prof. José Carlos Ribeiro Miranda.

Para isso, pretendo realizar um percurso histórico e literário através dos principais marcos que têm ditado, em grande medida, a maneira de interpretar este mundo de ficção, sem esquecer as descobertas que se têm produzido nos últimos anos, especialmente aquelas vinculadas aos novos textos de cavalarias, assim como os documentos relativos aos autores destes romances. Deste modo, será possível observar o escasso caminho percorrido até agora e o muito que ainda fica por trilhar para podermos ter um conhecimento, mais ou menos amplo, do que significou este gênero.

Há uma década, o professor Jorge Alves Osório qualificava de “gênero menosprezado”, dentro do âmbito da literatura nacional portuguesa, o conjunto de obras recolhidas sob a denominação de narrativa cavaleiresca. Mediante esta afirmação pretendia chamar a atenção da crítica para uma matéria que, a seu juízo, tinha passado completamente despercebida nos estudos filológicos do mundo lusitano, mais interessado na criação literária em verso, como a épica, a lírica galego-portuguesa ou a poesia contemporânea³.

1 O presente trabalho foi possível graças ao “Programa Nacional de Contratación e Incorporación de Recursos Humanos de Investigación, en el marco del Plan Nacional de Investigación Científica, Desarrollo e Innovación 2008-2010, dentro del Subprograma Juan de la Cierva”.

2 Para o âmbito castelhano existem os seguintes “estados da questão”: Carlos Alvar, “Libros de Caballerías. Estado de la Cuestión (2000-2004 CA.)”, In: J. M. Cacho Bleuca (coord.), *De la Literatura Caballeresca al “Quijote”*, Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza, 2007, pp. 13-58; José Manuel Lucía Megías, “Libros de Caballerías Castellanos: Textos y Contextos”, *Edad de Oro*, 21: 9-60, 2002; e Mari Carmen Marín Pina, “La Literatura Caballeresca. Estado de la Cuestión. II, Los Libros de Caballerías Españoles”, *Romanistisches Jahrbuch*, 46: 314-338, 1995 [1996].

3 Jorge Alves Osório, “Um Género Menosprezado: a Narrativa de Cavalaria do Século XVI”, *Máthesis*, Viseu, Universidade Católica Portuguesa, 2001, 10: 9-34, 2001: “Efetivamente, a narrativa em prosa de assunto cavaleiresco produzida no século XVI não atraiu, pelo menos até tempos bastante recentes, uma atenção particular por parte dos estudiosos. Confrontados com a criação literária em verso, em si muito mais atraente e interessante, em que se reconhece a manifestação de uma mais significativa criatividade e de uma expressividade elocutiva poética, os romances quinhentistas de cavalaria raras vezes estimularam o interesse do leitor de hoje (...)”. Isabel Almeida também o denominou vários anos antes de “gênero marginal”: *Livros Portugueses de Cavalarias, do Renascimento ao Maneirismo*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1998, p. 80. Com respeito a este assunto, também interessa o meu trabalho: “Os Livros de Cavalarias Renascentistas nas Histórias da

E tudo apesar de que, da publicação, em 1522, do primeiro livro de cavalarias, a *Crónica do Imperador Clarimundo donde os Reis de Portugal Descendem* (Lisboa, Germão Galharde), do historiador João de Barros, até à reedição da *Terceira e Quarta Parte da Crónica de Palmeirim de Inglaterra na Qual se Tratam as Grandes Cavallerias de Seu Filho, o Príncipe Dom Duardos Segundo* (Lisboa, Jorge Rodrigues), de Diogo Fernandes, em 1604, este gênero abrange mais de vinte e cinco edições, cifra nada desdenhável do ponto de vista da recepção, ultrapassando e muito os números de outros gêneros literários vigentes na época, como o pastoril⁴, o sentimental ou a literatura de viagens, sem esquecer que a estes dados editoriais há que acrescentar as dúzias de manuscritos cavaleirescos que se difundiram durante esses anos, os quais põem de manifesto a persistência do gosto por este tipo de literatura até bem entrado o século XVII, e ainda princípios do XVIII.

As causas desta aparente desídia temos de as procurar, entre outras, na dificuldade que tem existido sempre de ter acesso aos textos que compõem o *corpus* dos livros de cavalarias portugueses. Em alguns casos só têm estado disponíveis –e continuam a estar– em versão manuscrita ou em edições quinhentistas que nem sempre se acham nas principais bibliotecas do mundo, tais como a obra de Diogo Fernandes, especialmente a sua primeira edição de 1587⁵, ou o *Clarisol de Bretanha* (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1602), de Baltasar Gonçalves Lobato.

Em outras ocasiões, quando existiu uma versão moderna, além de se esgotar logo, tem-se editado de forma muito descuidada, com modificações substanciais com respeito ao original, e sem ter em conta a história editorial da obra. Por exemplo, da única edição relativamente moderna do *Palmeirim de Inglaterra*, de Francisco de Moraes, que data de 1946, o seu editor, o professor brasileiro Geraldo de Ulhoa Cintra⁶, tomou como texto base a edição de 1592, impressa em Lisboa por António Álvares, posto que era o único que tinha à mão na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro⁷. O problema dessa edição, além de ser a terceira, é que sofreu as consequências da censura inquisitorial, a qual levou a cabo uma eliminação ou substituição sistemática dos trechos que podiam afetar a moral pública, tais como a explícita libertinagem da personagem Floriano do Deserto, ou as uniões secretas entre um cavaleiro e uma donzela, cuja prática A Igreja tratava de erradicar desde o Concílio de Trento em 1545⁸.

O caso da *Crónica do Imperador Clarimundo* é ainda pior, porque quantos se aproximaram dela usaram quase sempre a única edição moderna acessível e que, com alguma sorte, ainda se pode achar no mercado de livros. Estou a referir-me à que publicou Marques Braga em 1953, em três volumes⁹, cujo texto-base foi o da edição de 1742, impressa em Lisboa por Francisco da Silva. Até aqui não haveria inconveniente nenhum se esta edição do século XVIII não tivesse modificado ostensivamente o texto original transmitido nas edições de 1522 (Lisboa, Germão Galharde), 1555 (Coimbra, João de Barreira) e 1601 (Lisboa, António Álvares, uma à custa de André Lopes e uma outra à custa de Hierónimo Lopes). Entre as modificações mais significativas destacam-se, por um lado, a supressão de vários capítulos, e por outro, e mais importante, a incorporação de um capítulo no final do livro que muda por completo o

Literatura Portuguesa”, Península. Revista de Estudos Ibéricos. Vícios, Virtudes e Algumas Paixões, Instituto de Estudos Ibéricos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 3: 233-247, 2006.

4 Sobre o gênero pastoril português, v. Roberto Mulinacci, *Do Palimpsesto ao Texto. A Novela Pastoril Portuguesa*, Lisboa, Edições Colibri, 1999. Para os dados editoriais, também interessa: Aurelio Vargas Díaz-Toledo, *Estudio y Edición Crítica del Leomundo de Grécia*, de Tristão Gomes de Castro, Madrid, Universidad Complutense de Madrid, 2007, pp. 22-23.

5 Está disponível uma versão digitalizada na Biblioteca Nacional Digital de Lisboa: <http://purl.pt/14774>.

6 CRÓNICA do Palmeirim de Inglaterra, In: *Obras Completas de Francisco de Moraes*, Geraldo de Ulhoa Cintra (ed.), São Paulo, Editora Anchieta, 1946. 3 vols. (Biblioteca de Clássicos para Todos).

7 Trata-se do exemplar da Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro, com cota: 32,5,15.

8 Veja-se, neste sentido, Almeida, *op. cit.*, 1998, pp. 280-292.

9 *CRÓNICA do Imperador Clarimundo, donde os Reis de Portugal Descendem*, Ed., pref. e notas de F. Marques Braga, Lisboa, Sá da Costa, 1953. 3 vols.

desenlace da história: em primeiro lugar, o príncipe Sancho, fruto da união de Clarimundo e Clarinda, que tinha desaparecido, junto de seus dois primos, numa embarcação sem timoneiro, agora é conduzido até terras espanholas, onde casa com a princesa herdeira e se converte em rei; em segundo lugar, a imperatriz Clarinda morre de tristeza por causa da sua ausência; e em último lugar, também se relata a notícia da morte de Clarimundo. O problema radica, portanto, em que muitos trabalhos posteriores à edição de Marques Braga têm cometido o erro de a tomar como definitiva ou fiel ao texto original, obviando tantas e tão significativas modificações devidas a uma mão do século XVIII e desvirtuando, deste modo, a ideia original de João de Barros¹⁰.

Com respeito à anônima *Crónica do Imperador Maximiliano* e ao *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, editadas ambas por João Palma-Ferreira¹¹, além de que a apresentação dos textos não é muito cuidada, faltam critérios de edição medianamente críticos, procurando, especialmente no segundo caso, “fazer aproximar a novela de Vasconcelos do maior número de leitores, sem se constituir como edição crítica”¹².

Ao mesmo tempo, o escasso interesse da crítica pelos livros de cavalarias tem acarretado um dado verdadeiramente desolador, como é o de uma grande quantidade de textos deste gênero não ter sobrevivido até aos nossos dias. Do *Memorial* (Coimbra, João de Barreira, 1567), de Ferreira de Vasconcelos, dado a conhecer em formato *quarto*, sabe-se que existiu impressa uma primitiva versão ampliada em formato *folio*, intitulada com o sugestivo nome de *Livro Primeyro da Primeyra Parte dos Triunfos de Sagramor Rey de Inglaterra e França, em que se Tratam os Maravilhosos Feitos dos Cavaleyros da Segunda Tavola Redonda* (Coimbra, João Álvarez, 1554). Mais sorte tivemos com as duas primeiras edições do *Clarimundo* (Lisboa, Germão Galharde, 1522 e Lisboa, António Álvarez, 1555), de cada uma das quais se conhece um único exemplar: da primeira, na Biblioteca Nacional de Madrid (R-11.727); e da segunda, na Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa. Com respeito ao *Palmeirim de Inglaterra*, de Moraes, até há muito pouco tempo não conhecíamos a sua primeira edição, que deve ter sido impressa, na França, por volta do ano 1544.

Quanto aos livros de cavalarias na sua difusão manuscrita, os dados seguintes falam por si: extraviaram-se as *Aventuras do Gigante Dominiscaldo*, de Álvaro da Silveira, a *Crónica do Espantoso e nunca Vencido Dracuso, Cavaleiro da Luz*, de Francisco de Morais Sardinha, um de título desconhecido, de Fernão Lopes de Castanheda, e o *Clarindo de Grécia*, do madeirense Tristão Gomes de Castro. Deste último autor, até há pouco também entrava neste grupo a sua *Argonáutica da Cavalaria*, que foi descoberto recentemente por mim no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa¹³. Também nada sabemos de duas anônimas vidas de imperadores, cujos nomes, Alberto e Siderico, parecem assinalar sua procedência ficcional. Mas aqui não acaba tudo. Este desdém também trouxe consigo o desconhecimento quase absoluto da biografia de alguns autores destas obras. Por exemplo, de Diogo Fernandes só sabemos o que se diz no pé do frontispício da Terceira e Quarta partes do *Palmeirim*, ou seja, que era oriundo da cidade de Lisboa. O mesmo acontece com Baltasar Gonçalves Lobato, que escreveu a

10 Tobias Brandenberger, “A Crónica do Imperador Clarimundo: Estratégias Discursivas e Distorsões Exegéticas”, *Iberoromania*, (59): 42-58, 2004.

11 Jorge Ferreira de Vasconcelos, *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, Ed. João Palma-Ferreira, Lisboa, Lello Editores, 1998. (Obras Clássicas da Literatura Portuguesa, 2); e *CRÓNICA do Imperador Maximiliano*, Ed. João Palma-Ferreira, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983. Do *Memorial* também existe uma versão digitalizada na Biblioteca Nacional Digital de Lisboa: <http://purl.pt/15061>.

12 Jorge Ferreira de Vasconcelos, *op. cit.*, p. XVII.

13 Para mais notícias sobre esta descoberta podem-se consultar meus trabalhos: Aurelio Vargas Díaz-Toledo, “Leomundo de Grecia: Hallazgo de un Nuevo Libro de Caballerías Portugués”, *Voz y Letra*, XV (2): 1-32, 2004, assim como Aurelio Vargas Díaz-Toledo, “Noticia de un Nuevo Libro de Caballerías: el Leomundo de Grecia, de Tristão Gomes de Castro”, *TIRANT*, (6), 2003. Disponível em: (<http://parnaseo.uv.es/Tirant.htm>).

Quinta e Sexta Parte de Palmeirim de Inglaterra mais Chronica do Famoso Príncipe Dom Clarisol de Bretanha, Filho do Príncipe Dom Duardos de Bretanha (Lisboa, Jorge Rodrigues, 1602), e cujos dados biográficos se resumem a uma linha: “natural da cidade de Tavira”.

À margem destes dados, o certo é que os estudos portugueses sobre os livros de cavalarias têm-se ocupado, principalmente, das obras impressas, e destas, só das obras de Moraes, Barros e Ferreira de Vasconcelos.

No que respeita ao *Palmeirim de Inglaterra*, foi a primeira obra a ser investigada devido a uma acirrada polémica sobre a sua verdadeira autoria –que não por conhecida é menos importante–, cuja origem remonta até à época da primeira parte do *Quixote*, em 1605, onde se certificava que era “fama que le compuso un discreto rey de Portugal”¹⁴. Na realidade, esta controvérsia teve o seu ponto de eclosão no ano 1826, quando o alfarrabista espanhol Vicente Salvá publicou e pôs à venda em Londres o seu *Catalogue of Spanish and Portuguese Books*¹⁵, onde figurava uma edição em castelhano do *Palmerín de Inglaterra* publicada em dois volumes, um em 1547 (Toledo, em casa de Fernando de Santa Catalina) e um outro em 1548 (Toledo, em casa de Fernando de Santa Catalina). Ambas partes antecediam em vinte anos à primeira edição conhecida até então em português, que era a publicada por André de Burgos em Évora, em 1567, sob o título de *Crónica do Famoso e muito Esforçado Cavaleiro Palmeirim d’Inglaterra*. Depois de adjudicar a paternidade da obra a Miguel Ferrer pela sua aparição no cabeçalho do prólogo, ao ano seguinte Salvá¹⁶ chegou à conclusão de que o autor era, na realidade, o escritor toledano Luis Hurtado, cujo nome se escondia nuns versos acrósticos situados no início da novela. As suas teorias logo tiveram eco em investigadores do prestígio de Diego Clemencín¹⁷, George Ticknor¹⁸ ou Ferdinand Wolf¹⁹, sendo Pascual de Gayangos quem deu o apoio definitivo a esta corrente ao dar à luz dois trabalhos muito bem documentados: por um lado, o *Discurso Preliminar* que, em 1857, pôs à frente da sua edição do *Amadís de Gaula* e das *Sergas de Esplandián*²⁰, que foi o primeiro grande estudo monográfico sobre o gênero cavaleiresco peninsular; e pelo outro, *Del Palmerín de Inglaterra y de Su Verdadero Autor*²¹, aparecido em 1862 como resposta às afirmações vertidas pelo brasileiro Manuel Odorico Mendes dois anos antes, segundo as quais defendia que o *Palmeirim* era propriedade intelectual de Francisco de Moraes porque, entre outras coisas, figurava o episódio biográfico das quatro damas francesas, de uma das quais, de nome Torsi, se enamorara, como assim se refletia na *Desculpa de uns Amores* do mesmo Moraes²². Esta última tese será, não obstante, a que acaba por triunfar nos anos sucessivos graças à aparição de um

14 Miguel de Cervantes, *Don Quijote de la Mancha*, Ed. de Florencio Sevilla Arroyo & Antonio Rey Hazas, Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 1996, I, cap. 6, p. 82.

15 Vicente Salvá, *A Catalogue of Spanish and Portuguese Books, with Occasional Literary and Bibliographical Remarks*, London, M. Calero, Spanish Printer, 1826, p. 162 (n. 1626).

16 Vicente Salvá, *Repertorio Americano*, Londres, 1827, T. IV, Sección I, p. 42-46.

17 Diego Clemencín, *Biblioteca de Libros de Caballería* [sic]. (Año 1805), Ed. J. Givanel Mas, Barcelona, Publicaciones cervantinas patrocinadas por Juan Sedó Peris-Mencheta, 3, 1942, pp. 45-49.

18 George Ticknor, *History of Spanish Literature*, London, John Murray, Albemarle Street, 1849, I, pp. 215-217.

19 F. Joseph Wolf, *Ueber eine sammlung spanischer Romanzen*, Wien, Kaiserl. Konigl. Hof und Staatsdruck, 1850, p. 125, nota 1.

20 Pascual de Gayangos, “Discurso Preliminar”, In: *Libros de Caballerías*, Madrid, M. Rivadeneyra – Impresor-Editor, 1857, vol. XL. (Biblioteca de Autores Españoles desde la Formación del Lenguaje hasta Nuestros Días), pp. III-LXII. Muitos destes dados foram utilizados e atualizados por Francisco Adolfo de Varnhagen, *Da Litteratura dos Livros de Cavallarias*. Estudo Breve e Consciencioso: com Algumas Novidades Acerca dos Originais Portuguezes e de Várias Questões Co-Relativas, tanto Bibliographicas e Linguísticas como Historicas e Biographicas, e um Fac-Simile, Vienna, Na imprensa do filho de Carlos Gerold, 1872.

21 Pascual de Gayangos, *Del Palmerín de Inglaterra y de Su Verdadero Autor*, Madrid, T. Fornanet, 1862.

22 Manuel Odorico Mendes, *Opúsculo acerca do Palmeirim de Inglaterra e do Seu Autor, no Qual se Prova Haver Sido a Referida Obra Composta Originalmente em Portuguez*, Lisboa, 1860.

conjunto de trabalhos que não posso deixar de mencionar. Em primeiro lugar, a *História da Literatura Portuguesa* (1870), de Teófilo Braga, que deu a conhecer uma carta mediante a qual se certificava ter permanecido Moraes em terras francesas nos finais de 1541, corroborando assim a teoria de Mendes²³. Em segundo, o *Discurso sobre el Palmerín de Inglaterra y Su Verdadero Autor*, de 1876, do espanhol Nicolás Díaz de Benjumea²⁴, o primeiro a comparar – embora de maneira superficial –, as duas versões em litígio e a certificar que a castelhana não era mais do que uma muito má tradução da portuguesa. O terceiro lugar está reservado a Carolina Michaëlis de Vasconcelos, cujos sucessivos estudos de 1882²⁵, 1883²⁶ e 1902²⁷ vinham a apoiar a autoria do escritor português. De qualquer modo, será a excelente monografia do inglês William Edward Purser, publicado em 1904 com o título de *Palmerin of England. Some Remarks on This Romance and on the Controversy Concerning its Authorship*²⁸, a que dissipou por completo qualquer dúvida sobre a autêntica paternidade deste livro de cavalarias. Para isso baseou-se num minucioso confronto entre as edições castelhana e portuguesa, assim como na aporção de novos dados relativos à identificação histórica da donzela Torsi e de outras personagens mencionadas no episódio das quatro damas francesas. Com o apoio imediato de Menéndez Pelayo²⁹, o *Palmeirim* ficava adjudicado definitivamente ao português Francisco de Moraes.

Uma vez esclarecido este problema, gerou-se um período de seca na investigação sobre a obra, como se tivesse deixado de interessar tanto no âmbito castelhano, quanto no português, e o que é mais assombroso, dando a sensação de que o único que importava era se apropriar de um livro tido por todos como uma obra-prima do gênero cavaleiresco.

O dito silêncio viu-se interrompido por alguns trabalhos tão isolados e distantes entre si como incompletos do ponto de vista da análise literária. O primeiro, que saiu em 1920, foi o estudo evolutivo de Henry Thomas sobre os livros de cavalarias na Península Ibérica³⁰, onde não só abordava a problemática do *Palmeirim de Inglaterra* dentro do ciclo espanhol dos palmeirins, mas também tratava de outros textos portugueses, embora de maneira muito mais sucinta. Os seguintes trabalhos relativamente interessantes acham-se em 1948 e 1949: o primeiro ano corresponde ao livro de Justina Ruiz de Conde, *El Amor y el Matrimonio Secreto en los Libros de Caballerías*³¹, no qual dedicava um capítulo inteiro a discutir o uso que se faz do amor na obra de Moraes, prestando especial atenção à figura donjuanesca

23 Teófilo Braga, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Imp. Portuguesa, 1870, pp. 294-295. Estes argumentos foram retomados em: “Reivindicação do Palmeirim de Inglaterra”, In: *Questões de Literatura e Arte Portuguesa*, Lisboa, A. J. P. Lopes, 1881, pp. 248-58.

24 Nicolás Díaz de Benjumea, *Discurso sobre el Palmerín de Inglaterra y Su Verdadero Autor*, Lisboa, Imprenta de la Real Academia de Ciencias, 1876. Na realidade, Benjumea já publicara em *La España Literaria*, de Sevilha, seis artigos, do 31 de Dezembro de 1863 ao 20 de Março de 1864, com o título de “La Justicia a los Lusitanos. Restitución del Palmerín de Inglaterra a Portugal, Su Verdadera Patria”. Antes, em abril de 1862, também tinha publicado uma carta sobre o assunto em *La Bética*, de Sevilha, que ainda não consegui consultar. Agradecemos a Joaquín González Cuenca a amabilidade de nos fornecer estes dados sobre Díaz de Benjumea.

25 Carolina Michaëlis de Vasconcelos, “Palmeirim de Inglaterra”, *Zeitschrift für romanische Philologie*, Halle, Max Niemeyer, VI, 1882, pp. 37-63 e 217-255.

26 Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Versuch über den Ritterroman Palmeirim de Inglaterra*, Halle, Druck von E. Karras, 1883.

27 Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as Suas Damas*, Porto, 1902, pp. 63-66 e 101-102, notas 281-293.

28 William Edward Purser, *Palmerin of England. Some Remarks on This Romance and on the Controversy Concerning Its Authorship*, Dublin, Browne and Nolan, Limited, 1904.

29 Marcelino Menéndez y Pelayo, *Orígenes de la Novela*, Madrid, Casa Editorial Bailley/ Baillièere e Hijos, 1905.

30 Henry Thomas, *Spanish and Portuguese Romances of Chivalry – The Revival of the Romance of Chivalry in the Spanish Peninsula, and Its Extension and Influence Abroad*, Cambridge, 1920.

31 Justina Ruiz de Conde, *El Amor y el Matrimonio Secreto en los Libros de Caballerías*, Madrid, 1948.

de Floriano do Deserto; no entanto, o segundo ano pertence à primeira dissertação de licenciatura sobre o *Palmeirim* saída de uma universidade portuguesa, a de Coimbra, cuja autora, Celeste Pinto, além de analisar o seu estilo e a sua linguagem, aproveitou para confrontá-lo com seu modelo amadisiano, mas sem aportar nada de novo³².

Somente nos anos sessenta e setenta tornarão a sair à luz novas publicações em torno do livro de Moraes, que se podem agrupar da seguinte maneira. Por um lado, figura um conjunto de teses redigidas todas fora de Portugal: a primeira, em Barcelona, em 1961, por Antonia Morales Rodríguez, que, apesar dos nossos reiterados esforços, ainda não conseguimos ler³³; a segunda, de Wolf Goertz, escreveu-se na Universidade de Michigan, em 1967, mas só foi publicada em Lisboa dois anos mais tarde³⁴. Nela o autor fixou sua atenção no aspecto estrutural da obra, estabelecendo como seu modelo mais imediato o *Clarimundo* de Barros, para depois se centrar em dois traços que ainda não tinham sido muito analisados, o neoplatonismo e a misoginia que transparece ao longo das suas páginas. Além disso, procurou examinar com detalhe os constituintes narrativos do romance; a terceira e última tese digna de relevância neste período saiu em 1973, em Salvador da Bahia, das mãos de Jerusa Pires Ferreira, para quem o *Palmeirim de Inglaterra* podia ser interpretado como um tratado moral de acordo, principalmente, com os numerosos exemplos que encerram muitos dos seus capítulos³⁵.

Por outro lado, achamo-nos com dois artigos de Sylvia Roubaud-Bénichou, um de 1975³⁶ e um outro de 1978³⁷, que tratam de analisar, o primeiro, a grande conexão existente entre as festas da corte descritas no romance e as documentadas no mundo real, e o segundo, o episódio das quatro damas francesas, que, além de refletir algumas das vivências de Moraes na corte gala, manifesta um tom irônico e humorístico ao alcance de muito poucos prosadores.

A estes trabalhos teríamos de acrescentar a notícia de algumas descobertas relacionadas com a vida e obra de Francisco de Moraes, entre as quais sobressai um novo exemplar do *Palmeirim*, da edição eborense de 1567, que Eugenio Asensio descobriu em 1972 na *Hispanic Society of America*, de Nova Iorque³⁸, assim como um dos muitos textos dele que ainda estavam desaparecidos, como era a *Relação das Exéquias de Francisco de Valois*³⁹.

32 Celeste Fernanda Souto Pinto, *Ensaio sobre o Palmeirim de Inglaterra*, Tese de licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1949, 98 fls.

33 Antonia Morales Rodríguez, *Estudio sobre el Palmerín de Inglaterra*, Tesina para la Obtención del Título de Licenciado, Barcelona, Universidad de Barcelona, 1961.

34 Wolf Goertz, *Strukturelle und thematische Untersuchungen zum "Palmeirim de Inglaterra"*, Tese de doutoramento, Lisboa, R. B. Rosenthal, 1969, 124 pp.

35 Jerusa Pires Ferreira, *O Tapete Preceptivo do "Palmeirim de Inglaterra"*, Tese apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia para concurso de Professor Assistente do Departamento de Letras Vernáculas, Salvador, Brasil, The author, 1973. xviii + 261 pp. A professora Ferreira já estava familiarizada com o *Palmeirim*, tendo publicado anteriormente: *A Paisagem Fictícia e a Paisagem Verdadeira em uma Novela de Cavalaria do Século XVI: o Palmeirim de Inglaterra*, 1966, 39f. datilogr.

36 Sylvia Roubaud-Bénichou, "Les fêtes dans les romans de Chevalerie Espagnols", In: *Les fêtes de la Renaissance (III)*, XVe, Colloque International d'Études Humanistes (Tours, juillet, 1972), Paris, C.N.R.S., 1975, pp. 313-340.

37 Sylvia Roubaud-Bénichou, "Juego Combinatorio y Ficción Caballeresca: un Episodio del Palmerín de Inglaterra", *Nueva Revista de Filología Hispánica* (Homenaje a Raimundo Lida), XXIV, 1978, pp. 178-196.

38 Eugenio Asensio, "El *Palmeirim* de Inglaterra. Conjeturas y Certezas", Garcia de Orta, *Revista da Junta de Investigações do Ultramar*, n. especial comemorativo da publicação de Os Lusíadas, Lisboa, 1972, pp.127-133. Reproduzido em: *Estudios Portugueses*, Paris: 1974, pp. 445-53. Na realidade, este novo exemplar foi descoberto no ano 1965, mas só foi dado a conhecer sete anos mais tarde.

39 António Dias Miguel, "Un inédit attribué à Francisco de Moraes: les "Exéquias de Francisco de Valois... rey de França", Lisboa, Livraria Bertrand, 1955. Além destes documentos de Moraes, teríamos de acrescentar os que têm sido descobertos nas últimas décadas: Jean Guillaume & Rafael Moreira, "La première description de Chambord", *Revue de l'Art*, 79: 83-85, Année 1988. Também na internet em: *Persée* (<http://www.persee.fr>); António Dias Miguel, "Carta que Francisco

Foi também neste período que começaram a surgir várias tentativas interessantes sobre a teorização do romance português, tratando de estabelecer as suas linhas evolutivas e cronológicas. As duas obras mais importantes a este respeito foram, em primeiro lugar, a *História do Romance Português* (1967) de João Gaspar Simões – o mais influente crítico saído da revista coimbrã *Presença* – que incluía um capítulo exclusivamente dedicado à matéria cavaleiresca, tanto impressa quanto manuscrita⁴⁰; e, em segundo lugar, *A Novelística Portuguesa do Século XVI* (1978), do italiano Ettore Finazzi-Agrò, cuja metade do livro foi dedicada por completo à análise da narrativa de cavalaria, mostrando sua supremacia face aos outros dois gêneros também tratados, isto é, o pastoril e o conto. Sua tese fundamental baseava-se em situar a decadência dos livros de cavalarias na segunda metade do século XVI, concretamente a partir da publicação do *Memorial* de Vasconcelos, onde se perdia não só o caráter apologético do *Clarimundo*, senão também a caracterização do ambiente cortesão⁴¹.

Anos mais tarde, em 1979, muitos destes estudos foram recolhidos por Daniel Eisenberg no seu *Castilian Romances of Chivalry in the Sixteenth Century*, a primeira bibliografia específica sobre os livros de cavalarias castelhanos, que decidiu acolher também algumas traduções de textos escritos originalmente em outras línguas românicas, tais como o *Espejo de Caballerías* ou o próprio *Palmeirim de Inglaterra*⁴². Com a sua inclusão neste manual, via-se claramente a necessidade de aprofundar muito mais no conhecimento de uma obra que todos os investigadores não paravam de elogiar. Entre outras coisas, continuava a existir uma falta preocupante de estudos sérios que se ocupassem tanto das causas que tinham levado Cervantes a admirar a dita obra, quanto de valorizar os seus méritos literários intrínsecos. E estes estudos só começaram a chegar no início do século XXI, da mão, principalmente, de Mari Carmen Marín Pina⁴³ e de Margarida Santos Alpalhão⁴⁴. Da primeira delas, destaca-se, de um lado, a identificação que fez da aventura de Miraguarda como exemplo perfeito da representação retórica do discurso, onde a *inventio*, a *dispositio* e a *elocutio* são utilizadas de maneira magistral, fazendo com que o *Palmeirim* possa ser denominado o “livro de cavalarias perfeito”⁴⁵; de outro lado, estuda a forma que

de Moraes Enviou à Raynha de França em Que Lhe Escreve os Torneos, e Festa Que Se Fes em Xabregas Era de 155...”, Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian, vol. XXXVII, Paris: 1998, pp. 127-154; Aurelio Vargas Díaz-Toledo, “Recuperação de um Texto de Francisco de Moraes: Relação das Festas Que Francisco I Fez das Bodas do Duque de Clèves com a Princesa de Navarra no Ano de 1541”, *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, (4): 267-300, 2007; e Margarida Santos Alpalhão, “Um Texto Desconhecido de Francisco de Moraes? Uma Carta a Fernão de Álvares”, Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, FCSH-UNL, 2007. Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/investigar-estudo-iem.html>.

40 João Gaspar Simões, *História do Romance Português*, Lisboa, Estúdios Cor, 1967, vol. I, pp. 40-64.

41 Ettore Finazzi-Agrò, *A Novelística Portuguesa do Século XVI*, Lisboa, Ministério de Educação e Cultura/ Secretaria de Estado de Cultura, 1978.

42 Daniel Eisenberg, *Castilian Romances of Chivalry in the Sixteenth Century: A Bibliography*, España, Grant & Cutler Ltd., 1979, pp. 83-85. Na segunda edição desta obra, refundida e ampliada por Daniel Eisenberg & Mari Carmen Marín Pina, foram eliminadas as traduções bem como algumas obras cavaleirescas medievais: *Bibliografía de los Libros de Caballerías Castellanos*, Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza, 2000.

43 Marín Pina é uma grande conhecedora do gênero cavaleiresco, especialmente do ciclo dos palmeirins castelhanos, tema sobre o qual fez a sua tese de doutoramento: *Edición y Estudio del Ciclo Español de los Palmerines*, Zaragoza, Universidad, 1988.

44 Margarida Maria de Jesus Santos Alpalhão, *O Amor nos Livros de Cavalarias*. O “Palmeirim de Inglaterra” de Francisco de Moraes: Edição e Estudo, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2008

45 Mari Carmen Marín Pina, “Palmerín de Inglaterra se Lleva la Palma: a Propósito del Juicio Cervantino”, In: *De la Literatura Caballescica al “Quijote”*, Juan Manuel Cacho Bleuca (coord.), Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza, 2007, pp. 361-381. Uma versão anterior deste trabalho foi exposta em: “El Palmerín de Inglaterra Salvado de las Llamas”, In: *Seminario Internacional “De la literatura Caballescica al Quijote”*, Albarracín (Teruel), julio 2005.

tem Moraes de fundir as matérias palmeiriniana, amadisiana e arturiana, convertendo o seu livro numa original encruzilhada intertextual que os leitores facilmente identificariam⁴⁶.

Com respeito à professora Alpalhão, há pouco fez a sua tese de doutoramento exclusivamente sobre o *Palmeirim de Inglaterra*, que, além de fornecer novos dados biográficos e novas obras de Francisco de Moraes, tirou, pela primeira vez, uma edição crítica do texto – de que tanta necessidade havia – com base no único exemplar conhecido da primeira edição de c. 1544 (Paris?, s.a.), que se descobriu recentemente na Biblioteca do *Cigarral del Carmen*, de Toledo, mas tendo muito em conta as edições quinhentistas de 1567 (Évora, André de Burgos) e 1592 (Lisboa, António Álvares). Nesta mesma linha editorial, achar-se-ia também minha edição da primeira parte da tradução castelhana do *Palmeirim*, da qual alguns dados apontados na introdução foram utilizados depois pela Dra. Alpalhão⁴⁷.

Durante estes anos têm aparecido assim mesmo outros trabalhos que, embora de menor qualidade filológica, apontam um renovado interesse da crítica perante um livro que volta a estar atual. Neste apartado acha-se não só a análise de Marta Montiel⁴⁸ sobre o motivo do corpo morto do *Palmeirim* e sua influência no *Quixote*, senão também a interpretação que faz Carlos Rubio Pacho da Torre de Dramusiando, mediante a qual este espaço pode ser considerado um elemento estrutural do relato, posto que sua superação por parte dos heróis marca uma nova etapa nas suas vidas⁴⁹.

Se para o *Palmeirim de Inglaterra*, que se tem considerado desde sempre o melhor livro de cavalaria portuguesa, o panorama é, no mínimo, desanimador, para o resto de obras cavaleirescas é-o ainda mais.

No que diz respeito à *Crónica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros, sempre foi considerada uma obra de juventude e, por isso, de menor qualidade literária face ao resto da sua produção historiográfica, que monopolizou a maioria das atenções da crítica. Este fato condicionou de tal maneira o seu estudo que, à margem de artigos isolados saídos de terras brasileiras, como os de Francisco Soeiro dos Reis⁵⁰ ou Massaud Moisés⁵¹, de 1867 e 1956, respectivamente, não começou a ser valorizada até aos anos oitenta do século passado, quando se produziu uma eclosão de trabalhos destinados a esclarecer alguns dos aspectos mais interessantes do romance. Assim por exemplo, Eduardo Lourenço⁵² estudou os vínculos entre a ideologia da obra e a simbologia imperial; Lênia Márcia Mongelli⁵³ fixou sua atenção no

46 Mari Carmen Marín Pina, “Palmerín de Inglaterra: una Encrucijada Intertextual”, *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, (4): 79-94, 2007. Este estudo foi resultado da sua participação no seguinte congresso: “El *Palmeirim* de Inglaterra y la Literatura Caballeresca Española: Intertextualidad y Desvíos”, In: *III Jornadas de Outono em Culturas Ibéricas Portugal e(m) Espanha: Itinerários do Hispanismo Português*, Oporto, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 27 de outubro 2006.

47 Francisco de Moraes, *Palmerín de Inglaterra*, Ed. de Aurelio Vargas Díaz-Toledo, Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 2006.

48 Marta Montiel Nava, “Sobre el Motivo del Cuerpo Muerto en el Palmerín de Inglaterra, el Olivante de Laura y el Quijote”, In: Juan Matas Caballero & José Manuel Trabado Cabado (coords.), *La Maravilla Escrita*. Antonio de Torquemada y el Siglo de Oro, León, Universidad de León, 2005, pp. 559-572. Este motivo também será analisado por Emilio José Sales Dasí, “El Motivo de las Andas: de Nuevo sobre los Libros de Caballerías y el Quijote”, *Criticón*, 99, pp. 105-124, 2007.

49 Carlos Rubio Pacho, “Algunas Notas en Torno al Espacio en el Palmerín de Inglaterra”, In: María José Rodilla & Alma Mejía (eds.), *Memoria y Literatura. Homenaje a José Amezcua*. México, Universidad Autónoma Metropolitana, 2005, pp. 127-135.

50 Francisco Soteiro dos Reis, “João de Barros, Sua Biografia, Seu Clarimundo; Suas Décadas da Ásia”, In: *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira*, Maranhão, 1867, t. II, pp. 333-371.

51 Massaud Moisés, “Crónica do Imperador Clarimundo, de João de Barros”, *Revista da Universidade Católica de São Paulo*, XI (20): 539-543, dezembro de 1956.

52 Eduardo Lourenço, “Clarimundo: da Ideologia à Simbologia Imperial”, In: *Cultura, Lisboa*, Universidade Nova de Lisboa, 1986, vol. V, pp. 61-72.

53 Lênia Márcia de Medeiros Mongelli, *Clarimundo e a Épica de João de Barros*, Tese apresentada à Disciplina de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1982.

caráter épico do *Clarimundo*, vendo no seu protagonista a encarnação das glórias heroicas de Portugal, e destacando a figura do sábio Fanimor por ser o intermediário entre Deus e o herói; na mesma linha acha-se Maria Helena Duarte Santos⁵⁴, que tratou dos traços que individualizam Clarimundo como um herói, sem deixar por isso de incidir no caráter pedagógico do texto; por seu lado, Maria Leonor Riscado⁵⁵ fez uma análise da linguagem poética da obra, que serviu para certificar a presença nela de elementos narrativos tradicionais e inovadores; ao mesmo tempo, Jorge Alves Osório⁵⁶ voltou a incidir nos vínculos do romance com a história, mas desta vez chamou a atenção para os aspectos editoriais das suas primeiras edições, especialmente dos frontispícios; em último lugar, deixamos a tese de doutoramento da professora Rosário Santana Paixão⁵⁷, porque supus um passo à frente na dignificação da novela de Barros, apesar de utilizar quase exclusivamente a moderna edição de Marques Braga. Nela, a autora, além de destacar a sua intenção didática, estudou como Barros aproveitou a escritura do *Crónica do Imperador Clarimundo* para explicar e legitimar, de certo modo, a construção da identidade nacional portuguesa. De acordo com esses trabalhos, e segundo defendeu Tobias Brandenberger, resulta evidente que a obra de Barros tem sido reduzida estritamente ao seu conteúdo político, sobretudo ao seu potencial legitimatório “e com isto, privada quase automaticamente do seu valor de entretenimento”⁵⁸.

Pelo que respeita ao *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda*, aconteceu algo semelhante ao *Clarimundo*, isto é, a maioria dos investigadores comparou-o com o resto da sua produção dramática, tirando como conclusão que era de inferior qualidade literária e, portanto, devia ser considerada uma obra menor. Apesar disso, têm aparecido vários trabalhos meritórios que se ocuparam de alguns dos seus aspectos mais relevantes. Entre eles vale a pena relembrar aqui os seguintes: Massaud Moisés⁵⁹, um dos primeiros em resgatar do esquecimento o texto de Vasconcelos, defendeu, por um lado, que nele existia uma convergência de valores medievais e renascentistas, os primeiros, representados nas constantes alusões ao mundo arturiano, e os segundos, refletidos nas influências clássicas ou na presença de figuras mitológicas; e pelo outro, que esta novela possuía um forte caráter doutrinário.

54 Maria Helena Duarte Santos, *O Mito do Herói na “Crónica do Imperador Clarimundo de João de Barros”*, Tese de Mestrado de Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras Universidade de Coimbra, 1987.

55 Maria Leonor Crespo Ramos Riscado, *A Linguagem Poética da Crónica do Imperador Clarimundo*. Texto Policopiado da Tradição à Inovação ou “o Discurso da Conciliação”, Tese de Mestrado em Literatura Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1988.

56 Jorge Alves Osório, “Algumas Considerações sobre a Crónica do Imperador Clarimundo”, Porto, Faculdade de Letras, *Separata da Faculdade de Letras*, n. 13/14, 5 Série, 1990.

57 Rosário Santana Paixão, *Aventura e Identidade. História Fingida das Origens e Fundação de Portugal: “Crónica do Imperador Clarimundo”, um Livro de Cavalarias do Quinhentismo Peninsular*, Tese de Doutoramento em Literatura Portuguesa, Lisboa, Universidade Nova, 1996. Rosário Santana Paixão, “Crónica do Imperador Clarimundo: Predestinação, Aventura e Glória do Herói Medieval na Origem do Reino Português”, In: *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*. (Lisboa, 1-5, Outubro 1991), Lisboa, Cosmos, 1993, vol. IV, pp. 293-296; Rosário Santana Paixão, “Ficção e Realidade nos Prólogos dos Primeiros Livros de Cavalarias Peninsulares”, In: José Manuel Lucía Megías, et alii (eds.). *Actas del VI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. Alcalá de Henares, 1995, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, 1997, vol. II, pp. 1419-1425; Rosário Santana Paixão, “Mémoire et idéal historique: L’imaginaire des sources dans les livres de chevalerie ibériques au début du XVIème siècle”, In: Jan Herman & Fernand Hallyn, (eds.). *Le topos du manuscrit trouvé. Actes du Colloque International*. Louvain-Gand, 22-23-24 mai 1997, Éditions Peeters, Bibliothèque de l’Information Grammaticale 40, Louvain-Paris, 1999, pp. 27-33.

58 Tobias Brandenberger, “Ficção e Legitimação no Clarimundo de João de Barros”, In: *Discursos de Legitimação. Actas (Discours de légitimation – Actes)* (26-29 de Setembro de 2002), (Ed. D. Buschinger et al.), Lisboa, Universidade Aberta, CD-ROM, 2003.

59 Massaud Moisés, *A Novela de Cavalaria no Quinhentismo Português*. O Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda de Jorge Ferreira de Vasconcelos, Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 218, São Paulo, 1957. Neste ano, o professor Moisés também publicou uma achega bibliográfica de livros de cavalarias manuscritos: “A Novela de Cavalaria Portuguesa (Achega Bibliográfica)”, *Revista de História*, São Paulo, XIV (29): 47-52, ano VII, Janeiro-Março 1957.

Por seu lado, o francês Jean Subirats, que estudou a obra completa de Jorge Ferreira de Vasconcelos, centrou-se nos vínculos do *Memorial* com a imagem ideal do cavaleiro da Távola Redonda, para depois analisar o torneio histórico de Xabregas, o verdadeiro motivo do livro⁶⁰. Tanto o caráter doutrinal do livro quanto sua interpretação como exemplário amoroso foram estudados por Maria Saraiva de Jesus e Cláudia Maria Pereira⁶¹.

Para o final deixamos, de propósito, duas teses de doutoramento que, pela sua visão global e panorâmica e por quanto são as únicas que tratam em conjunto os livros de cavalarias, estão destinadas a ser um ponto de partida na hora de adentrar o universo cavaleiresco português. A primeira, e mais importante, corresponde à da professora Isabel Almeida, que fez uma análise conscienciosa e muito completa dos motivos literários constituintes do gênero, mas só na sua difusão impressa⁶². Para o *corpus* manuscrito entra em jogo a segunda delas, de minha autoria⁶³, que, além de apresentar uma edição crítica da *Argonáutica da Cavalaria*, do madeirense Tristão Gomes de Castro, resgatou um conjunto literário desconhecido por parte dos críticos e que só agora começa a vir à luz, como assim manifesta a recente edição que Raúl Fernandes fez da primeira parte da *Crónica de D. Duardos*⁶⁴.

Em relação com a matéria cavaleiresca, nas últimas duas décadas, tem-se aberto um novo campo de investigação com vistas a analisar os vínculos existentes entre os livros de cavalarias portuguesas e as peças dramáticas de inspiração cavaleiresca. Como é lógico, as obras mais citadas têm a ver com Gil Vicente, sobretudo com a *Tragicomédia de Dom Duardos*⁶⁵ e a *Tragicomédia de Amadis de Gaula*⁶⁶, embora existam algumas aproximações mais gerais que abrangem a sua dramaturgia cavaleiresca completa, como as do saudoso Aníbal Pinto de Castro⁶⁷ ou Ronaldo Menegaz⁶⁸. O *Auto de Filodemo camoniano*⁶⁹ e o vicentino *Auto de Florisbel*⁷⁰ têm sido objeto de atenção por Ronaldo Menegaz e Carlos Mota, respectivamente.

60 Jean Subirats, *Jorge Ferreira de Vasconcelos. Visages de son oeuvre et de son temps*, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1982; e Jean Subirats, “Les sortilèges du rêve chevaleresque. Propos sur Jorge Ferreira de Vasconcelos et son Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda”, *Separata*, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1986.

61 Maria Saraiva de Jesus, “O Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda: um Doutrinal de Amor”, *Revista da Universidade de Aveiro – Letras*, XV: 73-109, 1998; e Cláudia Maria Ferreira de Sousa Pereira, *Um Exemplário Amoroso para D. Sebastião, o “Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda” de Jorge Ferreira de Vasconcelos*, Dissertação de Doutoramento em Literatura portuguesa, Évora, Universidade de Évora, 2000.

62 Isabel Almeida, *op. cit.*, 1998.

63 Aurelio Vargas Díaz-Toledo, *op. cit.*, 2007.

64 Raúl Cesar Gouveia Fernandes, *Crónica de D. Duardos (Primeira Parte)*. Cód. BNL 12904. Edição e Estudo, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006.

65 Isabel Almeida, “Frágua de Amor: do *Libro que Trata de los Valerosos y Esforçados Hechos en Armas de Primaleon* [...] ao *Auto de Dom Duardos*”, In: Gil Vicente, *Tragicomédia de Dom Duardos*, Tradução de Mário Bernardes & Margarida Vieira Mendes, Lisboa, Teatro Nacional, S. João, 1996.

66 Márcio Ricardo Coelho Muniz, “Gil Vicente e as Novelas de Cavalaria: uma Leitura da Tragicomédia de Amadis de Gaula”, In: *Actas do I Encontro Internacional de Estudos Medievais* (4, 5 e 6 de Julho/95), São Paulo, USP/UNICAMP/UNESP, [1996], pp. 245-253.

67 Aníbal Pinto de Castro, “As Dramatizações Vicentinas da Novela de Cavalaria”, In: Gil Vicente, *Quinhentos Anos depois*, Lisboa, 2003, vol. I, pp. 13-30.

68 Ronaldo Menegaz, “A Permanência da Novelística Cavaleiresca no Teatro de Gil Vicente”, *Semear*, Rio de Janeiro, 8: 167-175, 2003.

69 Ronaldo Menegaz, “O Auto de Filodemo: dos Romances de Cavalaria à Expressão Maneirista”, *Revista Camoniana*, 3ª série, (11): 69-90, Núcleo de Estudos Luso-Brasileiros, 2002.

70 Carlos Mota, “O Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda: el Mundo Literario de Jorge Ferreira de Vasconcelos y el Auto de Florisbel”, In: *Nuevas Miradas, Nuevas Propuestas: II Congreso Internacional de la Sociedad de Estudios Medievales y Renacentistas*, (CiLengua, San Millán de la Cogolla, 10-13 de septiembre de 2008). Este artigo insere-se no

Uma das consequências mais evidentes do paupérrimo panorama mostrado linhas mais acima, foi a ausência quase absoluta do gênero cavaleiresco nos planos de estudo das universidades portuguesas, exceção feita ao seminário que o Dr. Pinto de Castro realizou na Universidade de Coimbra a partir de 1983, e que tinha por título “A Narrativa Quinhentista”, uma parte da qual estava dedicada à prosa cavaleiresca, e um outro curso que a Dra. Márcia Mongelli realizou no ano passado na Universidade de São Paulo sob o título oficial de “Prosa Medieval”, mas com um temário centrado exclusivamente nos romances de cavalarias, da época medieval até ao século XVI⁷¹. Neste sentido, eu posso orgulhar-me de ter feito um dos primeiros cursos monográficos sobre livros de cavalarias portuguesas na *Università degli Studi di Pavia*, dentro do Curso de Licenciatura *Lingue e Culture Moderne*, da *Facoltà di Lettere e Filosofia*, durante o ano acadêmico 2009/2010. O curso, de 30 horas de duração e baseado nos textos, estava organizado em três grandes blocos: o primeiro, dedicado às origens e desenvolvimento da literatura arturiana, sobretudo na Península Ibérica; o segundo tratava de analisar um a um os principais motivos literários que compõem o gênero; enquanto na última parte se tentava mostrar uma visão comparativa com outros gêneros, tais como o romance picaresco, o pastoril e o *Quixote*.

Apesar dos esforços dos últimos anos, fica evidente que ainda estamos muito longe de ter um conhecimento, mais ou menos amplo, do verdadeiro lugar que ocupam os livros de cavalarias dentro da narrativa portuguesa dos séculos XVI e XVII. Neste sentido, ainda não existem trabalhos definitivos nem sobre o processo evolutivo do gênero nem sobre a sua interpretação; também não há estudos comparativos, medianamente interessantes, em relação com outros gêneros; quase nada sabemos dos aspectos sociológicos e ideológicos que impulsionaram a criação destas obras; desconhecemos as biografias de muitos dos autores destes livros, e as que conhecemos são muito fragmentárias; e, por último, a maior parte dos textos ainda permanecem inéditos. Como se pode ver, são muitas as questões que ainda não têm resposta satisfatória, e muitas as incógnitas que ainda ficam por esclarecer.

Com o objetivo de modificar esta situação, nos últimos anos têm surgido diversas iniciativas com vistas a revalorizar um dos gêneros literários mais importantes dos séculos XVI e XVII e a situá-lo no mesmo nível que a lírica galego-portuguesa ou a épica camoniana.

A primeira, e mais destacada, tem a ver com o projeto intitulado *O Universo de Almourol*, cujos objetivos consistem basicamente em publicar, por um lado, todos os livros de cavalarias portuguesas tanto impressos quanto manuscritos, e por outro, trazer à luz os seus respectivos guias de leitura para facilitar não só a compreensão de cada obra, se não também a adesão de leitores menos familiarizados com a matéria. Os diretores deste desafio editorial, que começará a funcionar no ano 2012 na Imprensa Nacional-Casa da Moeda, são a professora Isabel Almeida e quem escreve, para quem serviu de modelo a coleção que, sob a orientação científica dos professores Carlos Alvar e José Manuel Lucía Megías, está a publicar o corpus cavaleiresco castelhano completo no *Centro de Estudios Cervantinos*, de Alcalá de Henares (Madrid).

Uma outra proposta interessante, na mesma linha da anterior e com os mesmos protagonistas, procura conseguir duas novas publicações sobre o tema com finalidades muito distintas. A primeira, dirigida a um público mais seletivo e erudito, baseia-se numa edição fac-símile do único exemplar conservado da primeira impressão da *Crónica do Imperador Clarimundo* (1522), enquanto a segunda,

projeto de investigação “El Diálogo Cultural Hispano-Luso en la Edad Moderna: Teatro Bilingüe, Temas Portugueses en el Teatro Español”.

71 Em relação a este ponto, é preciso assinalar o curso de Literatura Portuguesa II, que o professor Jorge Osório dirigiu na Faculdade de Letras do Porto durante o ano acadêmico 2001/2002, com a ajuda de Isabel Morujão, Luís Fardilha e Zulmira Santos. A metade do programa, intitulado “Narrativa em Prosa: Séculos XVI-XVIII”, abrangia a prosa cavaleiresca desde os seus inícios até ao século XVI.

destinada a um âmbito universitário, propõe-se elaborar uma antologia de livros de cavalarias portuguesas, levando em conta os últimos descobrimentos.

Em última instância, cabe destacar, além das muitas contribuições que se estão a fazer neste Encontro, o próximo congresso de cavalarias que terá lugar, no ano 2012, na cidade do Porto, e as próximas teses de doutoramento dos professores Pedro Álvarez Cifuentes e Nanci Romero⁷², notícias todas elas que falam por si de um porvir muito esperançoso no que diz respeito aos estudos cavaleirescos em Portugal.

Por último, só resta dizer que o presente trabalho vai constituir a base de um outro, mais ambicioso, que consiste na elaboração de uma *Bibliografia dos Livros de Cavalarias Portuguesas*, que desejamos se converta em ferramenta de consulta útil para futuras aproximações do gênero.

RESUMO: Os livros de cavalarias têm sido muito pouco estudados pela crítica literária, um fato que deu lugar ao seu desprezo durante muitos séculos. Ainda hoje este importante gênero narrativo é apenas conhecido por muito poucos especialistas, o que não deixa de ser preocupante. Ao longo do presente trabalho, vamos tratar de oferecer um panorama histórico e literário das principais causas que desencadearam a marginalidade de um dos gêneros mais importantes e produtivos dos séculos XVI e XVII. Para isso, tentaremos ver o percurso dos principais estudos dos livros de cavalarias e quais as contribuições mais interessantes, sem deixar de notar as descobertas que se têm produzido nos últimos anos, especialmente aquelas relacionadas a novos textos de cavalarias, assim como os documentos relativos a autores destes romances, como por exemplo, Francisco de Moraes, João de Barros ou Tristão Gomes de Castro. Desta maneira mostrar-se-á o muito que ainda fica por fazer para chegarmos a um conhecimento amplo da matéria cavaleiresca escrita em língua portuguesa, que nada tem a invejar com respeito àquela composta em terras espanholas.

Palavras-chave: romances de cavalarias – estado da questão – Renascimento português – Literatura portuguesa e espanhola

ABSTRACT: The books of chivalry have been poorly studied by literary critics, a fact that has led to his contempt for centuries. Even today, this important narrative genre is known only by very few specialists, which no less disturbing. Throughout this paper, we will try to offer a historical and literary panorama of the main causes that led to the marginalization of one of the genres most important and productive of the sixteenth and seventeenth centuries. To do this, try to see the route of the major studies of the books of chivalry and the most interesting contributions, while still capturing the discoveries that have occurred in recent years, especially those related to new texts of chivalry, and the documents on authors of these novels, such as Francisco de Moraes, João de Barros or Tristão Gomes de Castro. This will show how much remains to be done to reach a comprehensive understanding of the subject of chivalry written in Portuguese, that has nothing to envy of the written Spanish and land.

Key-words: books of chivalry – state of the art – Portuguese Renaissance – Portuguese and Spanish literature

⁷² A professora Nanci Romero está a trabalhar sobre a segunda e terceira partes da Crónica de D. Duardos, de Gonçalo Coutinho; Pedro Álvarez está a fazer uma edição crítica das duas primeiras partes da Crónica do Imperador Beliandro, de Leonor Coutinho.